

Loucura e (é?) perfeição

Sinto-me transformada. Li Maura. Maura me leu. Estranho, não me sinto atormentada em me encontrar nas palavras da louca. Tal palavra já não causa aflição. A loucura de Maura, mesmo que terrível, avassaladora, inspira-me, menina que segura, que vive em corda bamba.

Atirar-me dali, para o vazio nebuloso, sempre pareceu a morte. O fim. Mas agora vejo, cintilante. Encontro-me acima de um denso oceano, irresistível, que me chama. Infinita e criança, a minha loucura. Minha sensibilidade, fatigada, desmoronando, se acende dentro de mim, curiosa. Tenho sede.

E pulo.

O choque inicial, da água fria em contato com o sangue quente mata-me, por um milésimo de segundo. Abro os olhos, aterrorizada, envolta em meu mundo dissolvido. E me lembro.

Da sede que me tinha e me vejo saciada. Nada me falta. Nadar me falta.

Me impulsiono pra superfície com os pés e já não sou Laura, já não é oceano. Tudo é um só, encontrei-me na minha imensa loucura.

Não consigo deixar de me perguntar, até quando? Quanto tempo me resta no paraíso que me habita? Quando, ao fechar os olhos por um segundo, serei transportada para dentro da velha. Sufocante. Eterna?

Para Sylvia, redoma.

Para Maura, parede.

Ambas de vidro.

A tortura de ver o mundo lá fora e não ser capaz. De ser. De estar, pertencer.

Tenho de ter cuidado. Estas águas, perfeitas, são profundas. E eu, apenas menina. Partícula que, quando aquece, é separada. Do oceano, do mundo.

Os pés vão se cansar, a energia é finita, o corpo não foi feito para nadar para sempre.

Medo do paraíso que é a loucura me engolir por completo. Afogar-me.

*Texto inspirado na obra da escritora mineira Maura Lopes Cançado.